Uma Só Saúde, ciência e financiamento: reconfigurando a governança global da saúde

"Una Sola Salud", ciencia y financiación: reconfigurando la gobernanza mundial de la salud

One Health, Science, and Financing: Reshaping Global Health Governance

Paula Reges, Luana Bermudez e Luiz Augusto Galvão

Resumo: No cenário da Saúde Global da última quinzena há destaque para o *One Health Summit* e o *Global Forum of WHO Collaborating Centres*, realizados em Lyon em abril de 2026. Esses eventos consolidam a centralidade da interdependência entre saúde humana, animal, vegetal e ambiental, ao mesmo tempo em que buscam avançar da formulação conceitual para a implementação concreta de ações multissetoriais. A liderança da OMS na coordenação da parceria Quadripartite e o fortalecimento de instrumentos como o GPW 14 reforçam a tentativa de alinhar governança, ciência e ação. O período foi marcado também por anúncios significativos de financiamento e compromissos institucionais, incluindo aportes da Comissão Europeia, Banco Mundial e Gavi, além de iniciativas voltadas à produção regional de vacinas e insumos estratégicos. Esses investimentos dialogam com a necessidade de fortalecer capacidades locais e reduzir desigualdades estruturais. Paralelamente, o Fórum dos Centros Colaboradores da OMS destacou o papel das redes científicas na tradução de evidências em políticas públicas, promovendo maior articulação entre instituições e países. Em conjunto, esses movimentos refletem uma transição em curso na saúde global, orientada por ciência, multilateralismo e cooperação, mas ainda desafiada pela necessidade de garantir implementação efetiva, coordenação e impacto sustentável.

Palavras-Chave: Uma Só Saúde, Saúde Global

Resumen: *En el contexto de la salud global, durante las últimas dos semanas, destacan la Cumbre Una Salud y el Foro Mundial de Centros Colaboradores de la OMS, celebrados en Lyon en abril de 2026. Estos eventos consolidan la importancia de la interdependencia entre la salud humana, animal, vegetal y ambiental, al tiempo que buscan avanzar desde la formulación conceptual hasta la implementación concreta de acciones multisectoriales. El liderazgo de la OMS en la coordinación de la Alianza Cuatripartita y el fortalecimiento de instrumentos como el GPW 14 refuerzan el intento de alinear la gobernanza, la ciencia y la acción. El período también estuvo marcado por importantes anuncios de financiación y compromisos institucionales, incluidas contribuciones de la Comisión Europea, el Banco Mundial y Gavi, así como iniciativas centradas en la producción regional de vacunas e insumos estratégicos. Estas inversiones responden a la necesidad de fortalecer las capacidades locales y reducir las desigualdades estructurales. Paralelamente, el Foro de Centros Colaboradores de la OMS subrayó el papel de las redes científicas en la traducción de la evidencia en políticas públicas, promoviendo una mayor coordinación entre instituciones y países. En conjunto, estos movimientos reflejan una transición en curso en la salud mundial, impulsada por la ciencia, el multilateralismo y la cooperación, pero que aún se enfrenta al reto de garantizar una implementación eficaz, una coordinación efectiva y un impacto sostenible.*

Palabras clave: *Una sola Salud, Salud global*

Abstract: *In the context of global health over the past two weeks, the One Health Summit and the Global Forum of WHO Collaborating Centres, held in Lyon in April 2026, stand out. These events consolidate the centrality of the interdependence between human, animal, plant, and environmental health, while simultaneously seeking to advance from conceptual formulation to the concrete implementation of multi-sectoral actions. The WHO's leadership in coordinating the Quadripartite Partnership and the strengthening of instruments such as GPW 14 reinforce the attempt to align governance, science, and action. The period was also marked by significant announcements of funding and institutional commitments, including contributions from the European Commission, the World Bank, and Gavi, as well as initiatives focused on the regional production of vaccines and strategic inputs. These investments address the need to strengthen local capacities and reduce structural inequalities. In parallel, the WHO Collaborating Centres Forum highlighted the role of scientific networks in translating evidence into public policy, promoting greater coordination between institutions and countries. Together, these movements reflect an ongoing transition in global health, driven by science, multilateralism, and cooperation, but still challenged by the need to ensure effective implementation, coordination, and sustainable impact.*

Keywords*: One Health, Global Health*

07/04: Dia Mundial da Saúde

Marcando a celebração do 78o aniversário da Organização Mundial da Saúde, o Dia Mundial da Saúde é celebrado anualmente em 07 de abril. Este ano foi um convite a pessoas de todo o mundo a apoiarem a ciência. Com o tema “Juntos pela saúde. Apoie a ciência” (1), a celebração deste ano dá início a uma campanha anual que celebra o poder da colaboração científica para proteger a saúde das pessoas, dos animais, das plantas e do planeta. A campanha destaca tanto as conquistas científicas quanto a cooperação multilateral necessária para transformar evidências em ações – com forte ênfase na abordagem “Uma Só Saúde”.

A campanha de 2026 é ancorada por dois grandes eventos globais: a Cúpula Internacional “Uma Só Saúde” (7 de abril) (One Health Summit, em inglês), organizada pelo Governo da França sob a Presidência francesa do G7, e o Fórum Global inaugural dos Centros Colaboradores da OMS (7 a 9 de abril), que reuniu quase 800 instituições científicas de mais de 80 países. Juntos, esses eventos formam a maior rede científica já reunida em torno de uma agência das Nações Unidas, ressaltando como as parcerias impulsionadas pela ciência podem construir um futuro mais saudável e seguro para todos.

A campanha convida pessoas de todo o mundo a participar, celebrando conquistas científicas, interagindo com evidências, compartilhando histórias pessoais de como a ciência melhora vidas e juntando-se à conversa global por meio das hashtags #StandWithScience e #WorldHealthDay.

A campanha convoca governos, cientistas, profissionais de saúde, parceiros e o público a: apoiar a ciência, interagindo com evidências, fatos e orientações científicas para proteger a saúde; reconstruir a confiança na ciência e na saúde pública; e apoiar soluções baseadas na ciência para um futuro mais saudável.

Uma Só Saúde em ação: ciência, multilateralismo e a construção de uma agenda integrada para crises globais de saúde

O Dia Mundial da Saúde de 2026, celebrado em 7 de abril sob o lema mencionado acima, foi marcado por um reposicionamento estratégico da saúde global também em torno da abordagem “Uma só saúde”, tendo como eixo central a realização do One Health Summit em Lyon, na França. Sediado pelo governo francês no contexto da presidência do G7, o encontro se configurou como um dos principais momentos políticos e técnicos do calendário internacional recente, reunindo chefes de Estado, organismos internacionais, comunidade científica, sociedade civil, juventudes e atores locais. A coincidência com o Dia Mundial da Saúde reforçou o caráter simbólico e programático do evento, ancorando-o em uma campanha global que busca reafirmar o papel da ciência e da cooperação multilateral na proteção da saúde em sua dimensão ampliada (2).



O Summit partiu de uma premissa já consolidada no debate contemporâneo, mas ainda insuficientemente operacionalizada: a interdependência entre saúde humana, animal, vegetal e ambiental. Ao enfatizar essa interconexão, o evento buscou avançar da dimensão conceitual para a implementação concreta, destacando a necessidade de abordagens coordenadas e baseadas em evidências para enfrentar ameaças compartilhadas. Nesse sentido, o fortalecimento da parceria Quadripartite — envolvendo FAO, UNEP, OMS e WOAH — foi apresentado como um dos pilares institucionais dessa agenda, ao lado do papel crescente da OMS na articulação de respostas em múltiplos níveis, incluindo o lançamento e a expansão de iniciativas como a Academia da OMS e redes de cooperação técnica.

A assunção da presidência da Quadripartite pela OMS em 8 de abril de 2026 confere ao momento uma dimensão adicional de inflexão política. O Summit foi explicitamente posicionado como uma oportunidade para traduzir compromissos políticos em ações multissetoriais concretas, com foco em prevenção, preparação, resistência antimicrobiana, sistemas alimentares sustentáveis e saúde ambiental. Trata-se, portanto, de um esforço de alinhamento entre governança global e implementação nacional, com ênfase na construção de sistemas de saúde mais resilientes e equitativos, capazes de responder a riscos complexos e interdependentes.

Os objetivos do encontro refletem essa ambição: fomentar o diálogo internacional e interdisciplinar, reconfigurar marcos institucionais globais a partir de uma cultura comum de One Health, engajar atores públicos e privados em ações concretas e desenvolver soluções para

o fortalecimento de sistemas de vigilância e resposta. Esses objetivos são sustentados por dois princípios fundamentais: a centralidade da ciência, da pesquisa e da inovação, e a promoção de um multilateralismo orientado para a ação. Na prática, isso se traduz na priorização de fatores estruturais que contribuem para doenças infecciosas e não transmissíveis, como reservatórios zoonóticos, resistência antimicrobiana, sistemas alimentares e exposição a poluentes.

O contexto apresentado durante o Summit reforça a urgência dessa agenda. Estima-se que cerca de 60% das doenças infecciosas conhecidas em humanos tenham origem animal, e aproximadamente 75% das doenças emergentes sejam zoonóticas. A pandemia de COVID-19, com cerca de 15 milhões de mortes e impactos econômicos trilionários, permanece como referência central para a necessidade de antecipação e resposta coordenada. A esses desafios somam-se dinâmicas estruturais como mudanças climáticas, degradação ambiental, perda de biodiversidade, insegurança alimentar e desigualdades no acesso à saúde, configurando um cenário de risco sistêmico.

Como resposta a esse cenário, a OMS e seus parceiros anunciaram um conjunto de ações estruturantes. Entre elas, destaca-se a criação de uma nova rede global de instituições em One Health, voltada à operacionalização do Plano de Ação Conjunto e ao apoio direto aos países, com ênfase na tradução de diretrizes globais em ferramentas práticas e no fortalecimento de capacidades por meio de treinamento e aprendizado entre pares. Também foi anunciada a ampliação do mandato do painel de especialistas de alto nível (OHHLEP, em inglês), consolidando seu papel na definição de agendas de pesquisa, apoio técnico e advocacy baseado em evidências.

Outras iniciativas incluem o relançamento do esforço global para eliminar a raiva transmitida por cães até 2030, utilizando essa agenda como modelo para fortalecer sistemas de vigilância e preparação, e a apresentação de um novo marco estratégico para influenza aviária, com foco na coordenação entre setores e na superação de respostas fragmentadas. Essas ações indicam uma tentativa de operacionalizar o conceito de One Health em agendas específicas, com metas mensuráveis e impacto direto em saúde pública, segurança alimentar e meios de subsistência.

Paralelamente ao Summit, a realização do primeiro Fórum Global dos Centros Colaboradores da OMS, entre 7 e 9 de abril, ampliou a dimensão científica e institucional do momento. Reunindo cerca de 800 instituições de mais de 80 países, o Fórum foi apresentado como a maior rede científica já mobilizada em torno de uma agência das Nações Unidas, com o objetivo de acelerar inovação, compartilhamento de dados e pesquisa coordenada. Esse movimento reforça a centralidade da ciência como eixo estruturante da governança global em saúde, em consonância com os objetivos da campanha do Dia Mundial da Saúde.

A campanha de 2026, ao convidar governos, cientistas, profissionais de saúde e o público em geral a “defender a ciência”, também revela uma dimensão política mais ampla: a necessidade de reconstruir a confiança em evidências científicas e instituições de saúde pública, em um contexto marcado por desinformação e fragmentação. Ao articular mobilização social, cooperação internacional e produção científica, o conjunto de eventos em Lyon sinaliza um esforço de reconfiguração da saúde global, no qual a abordagem One Health deixa de ser apenas um paradigma emergente para se tornar um eixo organizador de políticas, investimentos e mecanismos de governança.

A dimensão financeira e política do One Health Summit reforçou, de maneira significativa, a tentativa de traduzir o consenso técnico em compromissos concretos de

investimento e implementação (3). Nesse sentido, o anúncio da Comissão Europeia de uma contribuição de 700 milhões de euros para o próximo ciclo de financiamento do Fundo Global de Luta contra AIDS, Tuberculose e Malária representa um dos principais marcos do encontro. A alocação inicial de 185 milhões de euros para o primeiro ano sinaliza não apenas um esforço de antecipação de recursos, mas também a centralidade contínua dos mecanismos multilaterais clássicos no financiamento da saúde global, mesmo em um contexto de crescente pressão fiscal e instabilidade geopolítica.

Esse compromisso foi acompanhado por um conjunto mais amplo de investimentos estratégicos. A Comissão Europeia anunciou ainda 46,5 milhões de euros para segurança em saúde, por meio de uma parceria entre o Centro Europeu de Prevenção e Controle de Doenças, o Africa CDC e a Autoridade Europeia de Segurança Alimentar, evidenciando a crescente articulação inter-regional em torno da vigilância e resposta a ameaças sanitárias. Adicionalmente, foram destinados 30 milhões de euros para pesquisa e desenvolvimento em resistência antimicrobiana e 20 milhões para o desenvolvimento de novos tratamentos para dengue, indicando uma priorização de riscos emergentes e negligenciados no âmbito da agenda One Health.

Outros atores multilaterais e financeiros também anunciaram aportes relevantes. O Banco Mundial indicou a intenção de investir 750 milhões de dólares em iniciativas relacionadas ao One Health, com foco particular no fortalecimento de programas regionais na África Ocidental e Central. Já a aliança vacinal Gavi sinalizou uma possível alocação de até 200 milhões de dólares para apoiar a manufatura de vacinas no continente africano, complementando o compromisso já existente de 1 bilhão de dólares com o African Vaccine Manufacturing Accelerator. Além disso, a criação de um mecanismo de resiliência de 380 milhões de dólares voltado à imunização em contextos frágeis reforça a centralidade das vacinas como elemento estruturante da preparação e resposta a crises.

No setor produtivo, iniciativas como o anúncio da empresa sul-africana Aspen de pré-qualificação e produção local de vacinas infantis, bem como a produção de insulina em parceria com a Novo Nordisk, evidenciam o papel crescente da capacidade industrial regional no avanço da agenda de equidade em saúde. Esses movimentos dialogam diretamente com a ênfase do Summit na necessidade de fortalecer cadeias produtivas locais e reduzir dependências estruturais.

A agenda climática emergiu como um eixo transversal e estruturante das discussões. Lideranças políticas destacaram a intensificação e convergência de riscos associados às mudanças climáticas, à degradação ambiental e à saúde. A ênfase na interconexão entre surtos infecciosos, resistência antimicrobiana, sistemas alimentares e eventos climáticos extremos reforça a leitura de que os desafios contemporâneos operam em uma lógica sistêmica. As intervenções de chefes de Estado africanos, em particular, trouxeram uma dimensão empírica e territorial a esse debate, ao evidenciar como impactos ambientais, desde mineração ilegal até alterações nos regimes climáticos, afetam diretamente a saúde, a biodiversidade e os meios de subsistência.

Por fim, a atuação da filantropia internacional foi apresentada como complementar e catalítica. A declaração articulada por organizações como o Wellcome Trust enfatizou três pilares: a necessidade de sustentar investimentos em desenvolvimento de produtos, a incorporação da lente One Health — especialmente no contexto das mudanças climáticas — e o fortalecimento de parcerias multissetoriais. Ao reconhecer seus limites enquanto

financiadores, esses atores reforçaram a centralidade da cooperação entre governos, setor privado e sociedade civil como condição para enfrentar ameaças complexas e interdependentes.

Em conjunto, esses anúncios e posicionamentos indicam que o One Health Summit não apenas consolidou uma agenda normativa, mas também buscou ancorá-la em compromissos financeiros, industriais e institucionais. Ainda assim, permanece o desafio de garantir que esses recursos sejam efetivamente traduzidos em capacidades nacionais sustentáveis, particularmente em contextos de maior vulnerabilidade, evitando a fragmentação de iniciativas e promovendo coerência entre financiamento, governança e implementação.

Nesse sentido, o One Health Summit e o Dia Mundial da Saúde de 2026 não apenas consolidam uma agenda, mas também evidenciam os desafios de sua implementação: transformar consenso técnico em ação coordenada, alinhar múltiplos setores e atores, e garantir que a centralidade da ciência se traduza em políticas públicas eficazes e equitativas em diferentes contextos nacionais.

Redes científicas e governança global: o papel estratégico dos Centros Colaboradores da OMS

Realizado entre 7 e 9 de abril de 2026, em Lyon, o primeiro *'Global Forum of WHO Collaborating Centres*' (4) insere-se como um desdobramento técnico e institucional central no contexto mais amplo do *One Health Summit*. Sob o tema "*Collaborating for a Healthier Future*", o encontro reuniu centenas de instituições designadas como Centros Colaboradores da OMS, provenientes de mais de 80 países, além de lideranças da organização e pontos focais técnicos. Ao operar como um espaço de articulação científica e estratégica, o Fórum buscou fortalecer o papel dessas redes na implementação do 14º Programa Geral de Trabalho da OMS (GPW 14) e no avanço da agenda de "*Health for All*".





Os Centros Colaboradores constituem uma infraestrutura frequentemente subestimada da governança global em saúde. Ao fornecer suporte técnico, científico e estratégico às atividades da OMS em níveis global, regional e nacional, essas instituições funcionam como uma interface entre produção de conhecimento, formulação de políticas e implementação. Nesse sentido, o Fórum representou uma tentativa explícita de otimizar e alinhar essa capacidade instalada, promovendo maior coerência entre as atividades dos centros e as prioridades estratégicas da organização.

Do ponto de vista dos objetivos, o encontro foi orientado por duas ambições principais. A primeira consistiu em fortalecer a contribuição dos Centros Colaboradores para o GPW 14, com a expectativa de construir um roteiro compartilhado que conecte de forma mais clara as atividades dessas instituições às prioridades globais, identifique lacunas e proponha estratégias orientadas a resultados mensuráveis. A segunda ambição foi expandir e consolidar redes

colaborativas capazes de responder a desafios emergentes em saúde global, incluindo a identificação de tendências e riscos, a construção de uma visão comum e o engajamento ativo de instituições em torno da agenda de saúde para todos.

A estrutura do Fórum refletiu essa dupla dimensão de alinhamento estratégico e fortalecimento de redes. Distribuído ao longo de três dias, o programa combinou sessões plenárias, espaços interativos, exposições de pôsteres e discussões temáticas. A abertura, articulada ao segmento de alto nível do *One Health Summit*, reforçou a integração entre as dimensões política e técnica. Nos dias subsequentes, o foco recaiu sobre a contribuição estratégica dos Centros Colaboradores, com destaque para mecanismos de coordenação, compartilhamento de dados, inovação científica e capacitação. As sessões interativas e grupos de trabalho buscaram, por sua vez, promover uma dinâmica mais horizontal de construção coletiva, favorecendo a identificação de sinergias e oportunidades de colaboração entre instituições e regiões.

Do ponto de vista analítico, o Fórum sinaliza uma tentativa de reconfigurar a governança global da saúde a partir de uma lógica mais distribuída e baseada em redes. Ao invés de uma centralidade exclusiva na OMS enquanto ator normativo, observa-se um movimento de valorização de ecossistemas colaborativos que conectam instituições acadêmicas, centros de pesquisa e estruturas técnicas em diferentes contextos nacionais. Essa abordagem dialoga diretamente com a complexidade dos desafios contemporâneos, que exigem respostas interdisciplinares, transnacionais e ancoradas em evidências.

Ao mesmo tempo, persistem desafios relevantes. A heterogeneidade entre os Centros Colaboradores, em termos de capacidades, financiamento e inserção institucional, pode limitar a efetividade dessa rede se não houver mecanismos claros de coordenação, priorização e avaliação de impacto. Além disso, a necessidade de alinhar agendas institucionais diversas a um marco estratégico comum, como o GPW 14, coloca em evidência tensões entre autonomia científica e direcionamento político.

Ainda assim, ao ser realizado em paralelo ao *One Health Summit*, o Fórum reforça a centralidade da ciência e da cooperação técnica como pilares da resposta global a crises de saúde. Mais do que um evento isolado, ele se configura como um instrumento de articulação entre conhecimento e ação, com potencial para influenciar a forma como a OMS mobiliza suas redes para enfrentar desafios emergentes e estruturar respostas mais coordenadas, eficazes e sustentáveis.

Referências

1. World Health Organization. World Health Day 2026 [Internet]. Who.int. 2026. Disponível em: https://www.who.int/campaigns/world-health-day/2026. Acesso em 10 abr. 2026

2. World Health Organization. WHO and France shift One Health vision to action with new high-impact initiatives [Internet]. Who.int. World Health Organization: WHO; 2026. Disponível em: . Acesso em 10 abr. 2026

3. Health Policy Watch. Flurry Of Pledges At G7 One Health Summit – Health Policy Watch [Internet]. Health Policy Watch. 2026 [citado em 10 abr 2026]. Disponível em: https://healthpolicy-watch.news/flurry-of-pledges-at-g7-one-health-summit/. Acesso em 10 abr. 2026

4. World Health Organization. Global Forum of WHO Collaborating Centres: collaborating for a healthier future [Internet]. Who.int. 2026. Disponível em: https://www.who.int/news-room/events/detail/2026/04/07/default-calendar/global-forum-of-who-collaborating-centres-collaborating-for-a-healthier-future. Acesso em 10 abr. 2026